

# GUIMARÃES ROSA: UMA REFLEXÃO SOBRE A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Maria de Lourdes Viana Lyra\*

## Resumo

A partir da discussão levantada por Guimarães Rosa no texto *Pé-Duro, Chapéu-de-Couro*, sobre a busca dos fundamentos da nacionalidade, o artigo enfoca a reflexão desenvolvida sobre os fundamentos da identidade nacional, analisando o tempo histórico correspondente e ressaltando o empenho do autor pela valorização das raízes sertanejas na constituição da nacionalidade brasileira.

**Palavras-chave:** Nacionalidade, Raízes sertanejas, Identidade nacional

## Abstract

Based on the discussion on the fundamentals of the Brazilian nationality raised by Guimarães Rosa on his work *Pé-Duro, Chapéu-de-Couro*, this paper focuses on the reflection that he developed on the fundamentals of the national identity and analyzes the historical period in which the discussion took place, emphasizing Rosa's effort to value the inland cultural roots in the formation of the Brazilian nationality.

**Keywords:** Nationality, Inland Cultural Roots, National Identity

No texto intitulado - *Pé-Duro, Chapéu-de-Couro* -, Guimarães Rosa elabora uma instigante reflexão sobre o significado do encontro festivo entre centenas de vaqueiros do sertão, convocados pelo jornalista Assis Chateaubriand, e os principais membros do governo da República do Brasil, na inauguração do Grande Hotel de Caldas de Cipó - uma estância hidromineral situada no agreste baiano -, realizada na véspera e no dia de São João, a festa magna da gente do interior do Nordeste do Brasil.

Pouco conhecido, esse texto abre um leque de questões pertinentes a serem abordadas sob diferentes enfoques, dependendo do centro de interesse de cada pesquisador. Publicado pela primeira vez em dezembro de 1952, em *O Jornal*, (Rio de Janeiro) e republicado em edição póstuma no livro *Ave Palavra*, em 1970, o texto tem como epígrafe uma breve e significativa apresentação:

*Reunindo redondo mais de meio milhar de vaqueiros, na cidade baiana de Cipó, no São João deste ano, para desfile, guarda-de-honra, jogos de vaquejada e homenagem recíproca entre o Chefe da Nação e os simples cavaleiros do Sertão Ulterior, o que Assis Chateaubriand moveu – além de colocar sob tantos olhos os homens de um ofício grave e arcaico, precisando de amparo, e de desferir admodo um comando de poesia – foi algo de coração e garra, intento amplo, temero, indiminuível: a inauguração da dinâmica de um símbolo.*<sup>1</sup> (grifos nosso)

Ao historiador, a leitura do texto sugere o levantamento de questões bastante instigantes - tanto com referência à participação do escritor nessa festa, quanto em relação à discussão aí implícita sobre os fatores característicos da identidade nacional e, sobretudo, interligadas ao fato inusitado do completo engajamento de Guimarães Rosa no empenhamento em pauta. Ou seja, na empreitada de definição dos elementos identitários da nacionalidade brasileira.

As referências e reflexões feitas pelo autor, sobre o “*fato incomum*” do ajuntamento de centenas de vaqueiros no sertão da Bahia, são carregadas de significados e ricas em sugestões ao estudo da discussão sobre a questão da identidade nacional, ou seja, sobre a busca de definição dos traços identificadores das raízes culturais e do sentimento de pertencimento ao território nacional, à pátria Brasil. É nessa linha de análise, que propomos aqui apresentar algumas

\* Professora/Doutora em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Sócia do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

<sup>1</sup> Cf. Guimarães ROSA. *Pé-Duro, Chapéu-de-Couro*. **Ave Palavra**, p.123.

dessas relevantes questões que o texto sugere, enfocando o papel de agente político que o escritor, sem dúvida, assume com entusiasmo mostrando-se completamente engajado no projeto de construção da identidade nacional.

Inicialmente, vale anotar, que apesar de tratar-se de um texto jornalístico, ou de uma *reportagem poética*, através da sua leitura fica-se sabendo pouco sobre o que aconteceu naquele dia da festa e sobre quem ali esteve. Guimarães Rosa não se detém, por exemplo, na narrativa das festividades, não nomeia as importantes figuras da política nacional que lá estiveram, nem fala sobre a origem ou sobre o sentido da criação da *Ordem dos Vaqueiros*. Além de não revelar ser ele próprio um dos ilustres membros dessa mesma *Ordem*, como nos relata o jornalista Odorico Tavares, em matéria especial publicada em julho de 1952, na revista **O Cruzeiro**, ao narrar em detalhes os acontecimentos daqueles dias em Caldas de Cipó<sup>2</sup>.

O tema de reflexão de Guimarães Rosa não é a festa e sim o vaqueiro da caatinga, o “*curraleiro brasílico*”, e isso ele já deixa bem explicitado no título do artigo “*Pé-Duro, Chapéu-de-Couro*”, que quer dizer justamente o boi sem raça definida e o habitante da caatinga, o homem enraizado conformado à semi-aridez selvagem. O eminente escritor restringe-se em resumir na epígrafe - e o faz de forma exemplar -, o seu juízo sobre o real sentido daquela reunião “*entre o chefe da Nação e os simples vaqueiros do Sertão Ulterior*” que, significativamente, quer dizer “*situado além*”. Sem deixar de esclarecer que o evento, promovido por Assis Chateaubriand, era um acontecimento de grande importância, por representar “*a inauguração de um símbolo*”<sup>3</sup>.

Percebe-se, na linguagem utilizada, a objetividade de Guimarães Rosa em explicitar a intenção daquele espetáculo público concebido como marco da criação de uma imagem simbólica da confraternização nacional, traduzida no ritual do encontro festivo entre as mais altas autoridades da República e tantos homens rudes do sertão “*precisados de amparo*”, justamente aqueles que deveriam ser integrados na comunidade nacional.

Guimarães Rosa não menciona nem tece qualquer comentário sobre a solenidade de entrega da “*Ordem do Vaqueiro ao Chefe da Nação*”, realizada naquele dia festivo, nem sobre o momento em que o Presidente da República, Getúlio Vargas, foi aclamado e condecorado como o “*Vaqueiro número um do Brasil*” e recebeu - em cerimônia embalada pelo aboio dos vaqueiros do sertão -, o diploma de pergaminho, a comenda de sola batida, o cordão de couro, o gibão e o chapéu-de-couro. Isso uma festa que reuniu “*cerca de vinte mil pessoas*”, entre os quais constavam vaqueiros do sertão, autoridades locais, governadores de outros estados da federação, ministros do governo federal,

militares de altas patentes, diplomatas, grandes industriais, além de escolares e demais habitantes da cidade.

O escritor não se refere ao fausto jantar então realizado com cardápio da cozinha regional servido por “*habilíssimas negras, vestidas ricamente à baiana*” do Recôncavo, cuja imagem traduzia a perfeita integração entre a cultura sertaneja do interior e a cultura negra do litoral. Também não fala do belo cenário das fogueiras juninas espalhadas pela cidade; nem comenta o “*deslumbramento de cores e luzes*” dos fogos de artifício soltados às margens do rio Itapicuru; nem do espetáculo das apresentações de “*reisado, bumba-meu-boi, desafio de cantadores e o baile a caipira*”, que marcaram as festividades daquele dia memorável<sup>4</sup>.

Feito na epígrafe o registro que julgou necessário, Guimarães Rosa passa à abordagem do tema que considera fundamental, o vaqueiro, apresentando-o como o “*antigo veio, o de estrênuos pegureiros*”, ou seja, o homem valente, o guardador de gado, existente desde os tempos mais remotos - desde “*Canaã na Caldéia*”. O escritor concebe o vaqueiro como aquele homem que caminhou através dos tempos como guia dos rebanhos, como verdadeiro “*anjo*” traçando o “*itinerário do espírito*”, remetendo dessa forma a imagem do “*pastor de gado*” ao sentido da formação da alma nacional. E segue falando do caminhar desse “*povo do boi, em ciclos e gestas*”, apresentando-o como o “*fundador de longa tradição rusticana*” - imprimindo aí o sentido da busca de um passado comum, elemento essencial à identidade de um povo. E, ainda, identificando o vaqueiro como o habitante “*do rugoso sertão que ajunta o Norte de Minas, porção da Bahia, de Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás*”. Desse seu *habitat* natural, o “*Sertão Ulterior*” - a área central do território, o coração do Brasil -, o vaqueiro avançou, traçou caminhos, interligou regiões “*riscando roteiros e pondo arraiais no país novo*”, mostrando-o como o povoador do território pátrio<sup>5</sup>.

Em seguida, evoca a figura do “*boieiro sertanejo*,” na literatura brasileira, encontrando-o em José de Alencar - representado na imagem romântica de herói -, e em Euclides da Cunha - como protagonista integrado à história do país de “*descentrada largueza*”, mas destruído “*no assalto final em Canudos*”. E mais em nenhum outro escritor. O vaqueiro só vai reaparecer em cena muito tempo depois, no tempo presente, convocado por Assis Chateaubriand, aquele que “*procura os vaqueiros, desembrenha-os*”, trazendo-os novamente à luz, mostrando-os “*com escopo e como símbolo*” de brasilidade. Acrescentando que tal ação era impulsionada por uma:

<sup>2</sup> Cf. Odorico TAVARES. *Gibão e chapéu de couro para Getúlio*. **O Cruzeiro**. 26 jul. 1952

<sup>3</sup> Cf. Guimarães ROSA. **Ave Palavra**. p. 123

<sup>4</sup> Cf. Odorico TAVARES. Op. cit., p. 42, 57, 58.

<sup>5</sup> Cf. Guimarães ROSA. **Ave Palavra**, p. 123

*“Ambição generosa de prestigiar-lhe a fórmula etológica, o desenho biográfico, o capital magnífico de suas vivências – definindo em plano ideal a exemplar categoria humana do vaqueiro, em fim de fundá-la no corpo de nossos valores culturais”.*<sup>6</sup>

Sem deixar de justificar de forma bastante significativa e enfática - mas em nota de rodapé -, essa sua exaltação ao propósito do jornalista Chateaubriand:

*“Se exagero, jus ao exagero. Também, tão sonsos e cépticos andamos, estorvados nisso que menos semelha contenção adulta que descor de decrépitos, que vamos, por susto do ridículo grupal ou de vaga vulnerabilidade imaginária, perdendo de nós a boa soberania de admirar e louvar, ou mesmo o módico dever de reconhecer”.*<sup>7</sup>

Como se vê, é forte o seu entusiasmo com a política em andamento, e grande a sua crença na intenção expressa nos atos do jornalista Assis Chateaubriand, ou seja, a de realmente pretender integrar a gente “*encourada*” do sertão à nação Brasil através da aceitação e valorização de seus usos, costumes e características humanas, como traços identificadores da nacionalidade brasileira. O que nos leva a refletir sobre as motivações dessa fervorosa adesão a esse projeto sendo ele, Rosa, um homem que sempre reagiu com veemência aos conchavos da política, e se dizia apolítico. Pode-se pensar que o ideal de resgate dos valores humanos e culturais do sertão como distintivo de brasilidade representa, a meu ver, a razão maior da adesão incontestada do escritor e diplomata Guimarães Rosa à empreitada de busca da identificação do ser nacional, ao lado de Assis Chateaubriand, um dos homens públicos mais astutos e matreiros da sua época.

Ao mesmo tempo, é importante lembrar, que o grande interesse do escritor em melhor conhecer o sertão e sua gente já o levava a realizar, no mês anterior – maio de 1952 -, uma longa viagem pelo sertão mineiro acompanhando uma boiada. Ao lado de Manuelzão e outros vaqueiros, mais tarde tornados célebres, ele viveu aqueles dez dias como “*o vaqueiro Rosa*”, recolhendo subsídios para o livro que escreveria depois *Grande sertão: veredas*, hoje um clássico da literatura do século XX. Portanto, tornar-se membro da *Ordem do Vaqueiro* e participar da maior festa popular do interior – a festa de São João -, numa pequena cidade do sertão baiano, significava um prolongamento da sua vivência entre os sertanejos, o aprofundamento da sua pesquisa sobre o “*pastor do boi*”, a ampliação do conhecimento sobre o “*seu esboçar-se de alma, seu ser, seus costumes*”, expe-

riência que o levou a identificar as raízes mais antigas e universais da humanidade na pureza da relação estabelecida entre o homem e o boi.

No entanto, vale refletir sobre a forma discreta como Guimarães Rosa revela no texto a sua ligação com o evento que analisa. Em certa altura do texto ele simplesmente escreve: “*deveras estive lá, em Caldas do Cipó*”, e mais nada. Sem alardar a sua presença, nem tão pouco detalhar o grau da sua participação, faz um registro ligeiro, apenas como para comprovar o que afirmava sobre o sentido do espetáculo que, sem dúvida, inaugurava a dinâmica do um símbolo, o da confraternização nacional.<sup>8</sup> O que lhe dava subsídios para prosseguir na sua reflexão sobre os costumes, usos e características dos “*cavaleiros toscos, rijos de velha simpleza*” em seus trajes “*cor de leão*” - numa clara evocação de Euclides da Cunha, que os descrevera, “*da cor do chão*” -; sobre a beleza do “*cantochão do aboio*”; sobre a identificação dos vaqueiros através do seu trajar e dos seus lugares de origem<sup>9</sup>. Vendo naquele ajuntamento “*descomum*” de gente que, vivendo como “*homem apartado*”, quando convocada, não titubeou em sair “*das distâncias... extraídos de solidões... vindos, léguas e arreléguas*”, para participar do “*espetáculo maior*” entre todos os outros acontecidos em qualquer outra parte do mundo. Afirmando ainda que “*nunca ninguém antes viu tantos vaqueiros juntos*”, e por isso atribuía àquele “*fato incomum*”, um sentido de verdadeira epopéia sertaneja<sup>10</sup>.

Ao longo do texto Guimarães Rosa segue reafirmando ser esse valoroso habitante do sertão que Assis Chateaubriand quer valorizar como fundamento da brasilidade, apoiando-se não apenas na argumentação feita pelo jornalista: “*onde estão as melhores raízes da nossa alma, senão nesta ordem sertaneja que agora nos chama?*”; como também na conseqüente convocação de todos a uma “*nova marcha cultural do homem para o interior*”. E, ainda, na sugestão de uma outra grande concentração de “*encourados*” a ser realizado na capital da República - numa demonstração “*ainda mais pan-brasileira*”. Além de ressaltar a proposta de “*delimitação de um Parque Nacional dos Vaqueiros*”, para preservação da cultura sertaneja. Nesse sentido, é digna de nota a atenção de Guimarães Rosa em referir-se sempre e tão somente ao sertanejo como o “*vaqueiro*” na “*sua vida primitiva e natural*”, significativamente remarcando ser este um povo “*precisado de amparo*”.<sup>11</sup>

Em nenhum momento o escritor identifica e muito menos confunde o vaqueiro com o jagunço (que carrega a imagem do sertanejo em confronto bélico) ou com o cangaço (o bandido do sertão nordestino) como fez seus contemporâneos e ainda hoje se faz.

<sup>6</sup> Cf. Guimarães ROSA. *Ave Palavra*. p. 124

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*, p. 125

<sup>8</sup> Idem, *Ibidem*, p. 126

<sup>9</sup> Cf. Euclides da CUNHA. *Os Sertões*. 2º vol., P. 170.

<sup>10</sup> Cf. Guimarães ROSA. *Ave Palavra*. p. 127

<sup>11</sup> Idem, *Ibidem*, p. 139

No entanto, ao finalizar o texto, ele parece refrear o entusiasmo demonstrado no início, ao concluir a reflexão com uma frase bastante curiosa: “*Não sabemos, num nosso país que ainda constrói sua gente de tantos diversos sangues, se ele será, o sertanejo, a ‘rocha viva de uma raça’, o ‘cerne de uma nacionalidade’*” – remetendo desta forma a discussão ao passado e interligando-a às mesmas questões que haviam sido levantadas no início do século por Euclides da Cunha, em *Os Sertões* – sem, no entanto, deixar de alertar, ou melhor, de reafirmar: “*Mas sua presença é longa lição, sua persistência um julgamento e um recado*”<sup>12</sup>.

Assim, para maior clareza da análise e, conseqüentemente, melhor compreensão desta problemática é importante remarcar que a discussão sobre a identidade nacional é uma questão recorrente e perpassa todos os períodos da história, sempre que se privilegia a nação como categoria explicativa<sup>13</sup>. Também vale lembrar que nos anos cinqüenta essa discussão não mais se prendia às questões de definição do território nacional, nem tão pouco dizia respeito à existência ou não de um Estado Nacional.

O que então se discutia e se buscava - no cenário de diversidade racial e cultural que sempre caracterizou a sociedade brasileira -, eram os símbolos de brasilidade, o pensar e sentir-se brasileiro, os traços identificadores do ser brasileiro. Ou seja, o que se discutia e se buscava naquele momento eram as referências simbólicas do ser nacional, do sentimento de pertencimento à pátria Brasil. Vivia-se um momento em que não apenas haviam sido derrubadas as concepções racistas, que pregavam ser o “*mestiço um desequilibrado*”, - com a derrocada da ideologia nazista, defensora do conceito de *raça pura* -, como também havia fenecido o temor da sociedade letrada em aceitar-se como nação de raça mista – sentimento bastante forte entre os intelectuais até os anos vinte. Vale ainda anotar que esta era uma discussão exclusiva da elite do país<sup>14</sup>.

Vivia-se no tempo do pós-guerra e de prevalência da “*guerra fria*”, quando a discussão sobre os interesses envolvidos entre as potências dominantes e interligados à questão das nacionalidades dominava o cenário da política internacional. E, no Brasil, esse tempo foi marcado por acontecimentos importantes – pela força do seu simbolismo -, interligados à defesa do patrimônio nacional e à autonomia de força energética, como, por exemplo, o desenrolar da vigorosa campanha do “*petróleo é nosso*” e o início da construção de grandes usinas hidroelétricas. Além de caracterizar-se pela volta de Getúlio Vargas à presidência da República, quando também foram retomados discursos e imagens elaboradas e pensados como operadores simbólicos de identificação do que era ser nacional brasileiro.

O que predominava nos corações e mentes da elite pensante dos anos cinqüenta era o sentimento de uma integração nacional ainda incompleta - mas extremamente necessária e urgente -, de todas as partes e de toda a gente do país, para que se chegasse ao traçado de uma fisionomia verdadeira de Brasil. O que se almejava era traçar uma imagem que realmente exprimisse o sentido e o sentimento de brasilidade, um “*sentir-pensar*” brasileiro, como o próprio Guimarães Rosa explicaria mais tarde, em 1965, numa eloqüente e proveitosa entrevista concedida ao alemão Günter Lorenz<sup>15</sup>.

Era essa imagem de Brasil - uma “*nação em movimento*” - que então persistia, calcada na idéia de um povo que ainda caminhava em busca de sua identidade, de sua concretização. Portanto, é bastante significativa a afirmação de Guimarães Rosa sobre ser o Brasil um “*país que ainda constrói a sua gente*”, como vimos anteriormente.

Ora, esse também havia sido o pensamento predominante na era Vargas dos anos trinta, desenvolvido a partir da idéia de que a conquista da brasilidade era uma meta a ser conseguida com a completa integração do sertão ulterior. Naqueles anos o presidente Vargas pregava que “*o verdadeiro sentimento de brasilidade é a marcha para o Oeste*” e, evocando os bandeirantes e sertanistas como os “*construtores da nação*”, por terem no passado fincado os seus marcos nas terras do interior, argumentava que, marchando-se para o Oeste, caminhava-se para a “*unidade ... pelo fatalismo da nossa definição racial*”<sup>16</sup>. Anotemos que se encontrava aí impressa a idéia bastante controvertida de oposição entre o litoral – como espaço simbólico de influência desnacionalizadora, face à predominância da presença estrangeira -, e o sertão – como espaço definidor da raça brasileira, pela predominância do sertanejo isolado, portanto puro, sem mesclas, que consistia a idéia básica, a raiz ideológica do nacionalismo.

Nesse contexto, então, como entender a postura e o pensamento do intelectual João Guimarães Rosa nos anos cinqüenta (momento de redefinição do sentido de nação) na busca das características do ser nacional? Seria o caso de entender o escritor alinhado ao pensamento nacionalista retrógrado? Algumas relações podem ser estabelecidas para melhor apreensão do seu pensamento.

Portanto, como fecho desta análise, vale destacar a forma diferenciada como Guimarães Rosa concebe o sertão e o sertanejo e como encaminha a sua reflexão para definir o elemento nacional. Enquanto os defensores do nacionalismo restringiram o sertão e o seu povo à área interior do território nacional e buscaram sua origem no bandeirante

<sup>12</sup> Idem, *Ibidem*, p. 143

<sup>13</sup> Sobre a discussão historiográfica geral em torno da questão nacional, conferir, entre outros, **Gêneses-Le Nacional** 4, 1991 e Eric HOBBSBAWM. **Nações e Nacionalismos...**, 1999.

<sup>14</sup> Sobre essa mesma discussão no Brasil dos anos cinqüenta conferir, entre outros, Alcir LENHARO, **Sacralização da Política**. 1986, cap. 2.

<sup>15</sup> Cf. Günter LORENZ. *Diálogos com Guimarães Rosa*. 1991

<sup>16</sup> Apud. Alcir LENHARO. *Op. Cit.*, p. 53

desbravador, aquele que abriu as fronteiras do país, que ampliou e delimitou os limites geográficos do Brasil -, o intelectual Guimarães Rosa ampliou a visão de sertão, privilegiou o sertanejo e seus valores culturais universalizando-o, ao afirmar que “o sertão está em toda parte, é do tamanho do mundo”, ou “o sertão é o modelo do meu universo”, ou ainda “o sertão é a alma do mundo”, ou mais ainda “o sertão é o terreno da eternidade, da solidão. Onde o interior e o exterior não podem ser separados”. E, sem descartar a importância histórica do bandeirante nesse processo, nem deixar de situar o espaço físico correspondente ao sertão do Brasil Rosa buscou a origem do seu povo na antiguidade bíblica – situando-a em Canaã na Caldéia -, universalizando a figura do vaqueiro da caatinga – o “antigo veio de estrênuos pegureiros” -, o tema central de suas reflexões. Assim, ele entende o sertão - pela sua geografia, o centro do Brasil - como um personagem, sendo esse personagem o elemento que identifica a nação. Sendo esse o caminho de busca da raiz do nacional.

Esta forma peculiar de conceber o sertão e o seu povo torna-se mais diferenciada, sobretudo, quando Guimarães Rosa se vê integrado nele, sentindo-se “um homem do sertão”. Donde se percebe que este não é um olhar estrangeiro sobre o sertão - como o dos seus ilustrados contemporâneos que tomaram o homem europeu e a sociedade européia como padrão ideal na definição das características do ser nacional brasileiro, assumindo uma postura usual (que ainda hoje persiste) de olhar ao redor de forma preconceituosa. E, ainda, ao mesmo tempo em que universalizou o espaço físico, Guimarães Rosa entendeu o sertão e o seu povo como um personagem – concebido como o elemento nacional, o ser que identifica a nação. Sem dúvida, esse não é um olhar restritivo, limitado. Ao contrário, é universalizante. É uma forma avançada de conceber a “natureza humana” como

a “condição primordial da cultura”, como ele revela com tanta clareza ao finalizar o seu texto de 1952, recomendando que esta bem poderia “vir a ser a moção maior da ‘Ordem do Vaqueiro’”.

E esse é, sem dúvida, o mesmo olhar que o intelectual Rosa expressa, em 1965, ao afirmar para Günter Lorenz: “Riobaldo é o sertão feito homem, e é meu irmão ... Riobaldo é apenas o Brasil”. Ao que eu acrescentaria ser o mesmo que afirmar: o sertão é o Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966. 2 v
- GENÈSES. *Le National 4*. Paris, Calmann-Levy, 1991
- HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. M.C.Paoli e A.M.Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papyrus, 1986. Cap. 2
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Seleção de textos). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.p. 27-61. (Coleção Fortuna Crítica).
- ROSA, Guimarães. Pé-Duro, Chapéu-de-Couro. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 28dez. 1952
- ROSA, Guimarães. Pé-Duro, Chapéu-de-Couro. In: *Ave Palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970. p. 123-143
- TAVARES, Odorico. Gibão e chapéu de couro para Getúlio. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, Ano 24, n. 41, p.42-58, 26 jul.1952.